



FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS
CHILDREN OF EMPIRES AND EUROPEAN POSTMEMORIES
ENFANTS D'EMPIRES ET POSTMÉMOIRES EUROPÉENNES

Sábado, 26 de outubro de 2019



Lilian Thuram | Photo Conseil de l'Europe



POR QUE RAZÃO O RACISMO AINDA É UMA QUESTÃO EUROPEIA?

Fernanda Vilar

Nas últimas semanas, Lilian Thuram, futebolista campeão do mundo pela França em 1998, voltou ao centro das notícias e debates na Europa quando se pronunciou em defesa de um jogador negro vítima de racismo de torcedores. Thuram teve a coragem de dizer que os brancos pensam ser superiores e acreditam nisso, pois o racismo é uma construção de séculos e muito difícil de ser mudada (1). O fato de a frase virar alvo de polêmica revela a necessidade de se discutir o racismo na Europa como um legado da história imperial ultramarina de diversos países europeus, mas também a necessidade de ir além desta discussão. Como afirma Ângela Davis, “não basta não ser racista, há que ser antirracista” (2).

Fundador da Associação pela Educação contra o racismo (3), Thuram foi acusado de racismo anti-branco, uma antinomia vergonhosa que visa deslegitimar a palavra de quem denuncia o racismo e evidencia a posição questionável daqueles que acreditam sofrer opressões quotidianas por serem brancos. “Quando um sábio aponta para a lua, o idiota olha o dedo”, diz o provérbio chinês. Assim, acusar o jogador de racismo é contornar a questão que realmente importa: discutir o legado colonial nos países europeus. O racismo é uma questão de brancos, uma lógica que contribui para perpetuar privilégios sociais, de poder e exploração ao atribuir às pessoas identidades racializadas (4). Isso não quer dizer que os brancos devam se martirizar na culpa, mas compreender o lugar que ocupam, os privilégios que obtêm e qual é sua participação na estrutura racista da sociedade.

Entretanto, o que vemos no campo da política pública ainda não é satisfatório, sobretudo se analisarmos a recente nomeação na [Comissão Europeia](#) de um vice-presidente encarregado das questões migratórias para a pasta denominada “proteção de um modo de vida europeu”. Vários expertos e ONGs reagiram ao nome da pasta, sobretudo ao ligar a questão das migrações à proteção de um modo de vida europeu, pois o termo “proteção” evoca uma política de segurança e isso seria uma maneira de negar as contribuições das migrações aos valores e modos de vida da Europa, como bem assinala a [Anistia Internacional](#).



Ora, conceber a imigração como um problema e investir na proteção do modo de vida europeu é um projeto de governo. Com a morte do ex-presidente francês Jacques Chirac, muitos de seus feitos e discursos voltaram a ser lembrados. Ao retomarmos o discurso de Orléans, de 19 de junho de 1991, percebemos como a construção da imigração como um problema se desenhava claramente em sua agenda política: “Nosso problema não são os estrangeiros, mas a overdose deles. (...) É verdade que ter espanhóis, poloneses e portugueses trabalhando em nossas casas causa menos problemas que ter muçulmanos e negros (...)” (5). Essa lógica de Estado é exatamente igual à do atual presidente Emmanuel Macron que, quando reconhece que há dificuldades econômicas e sociais, acaba por afirmar na frase seguinte que essas dificuldades estão ligadas à imigração. O “outro” construído pelo colonialismo é ainda o alvo e a origem do medo, e os reais motivos são ocultados.

Nesse sentido, cabe-nos pensar no vocabulário utilizado para tratar destes temas “sensíveis”. Nos debates políticos e na grande mídia prevalecem a agenda e o vocabulário da extrema-direita, onde a imigração está acompanhada da palavra problema, o Islão é visto em contraponto com a laicidade, assim como o comunitarismo é relacionado com a insegurança e a identidade ligada a palavra crise. Nesse campo semântico dominante, a lógica do racismo anti-branco pode fazer sentido para alguns. Entretanto, o verdadeiro combate está em trazer para o campo da discussão os problemas estruturais reais da sociedade: a pauperização da população, a precarização do trabalho, as discriminações racistas e sexistas, a mundialização do capitalismo e uma série de preconceitos que herdamos do passado colonial, como a islamofobia, a falta de políticas públicas para a integração dos imigrantes, a abundância de discursos civilizacionais, as teorias como o lusotropicalismo, o racismo contra os negros, entre outros.

O papel das artes para a inclusão do tema das imigrações e heranças coloniais no debate público é de fundamental importância. O lançamento pelo Canal Plus, em França, da série *Sauvages*, baseada na tetralogia com o mesmo título escrita por Sabri Louatah, colocará em questão as violências coloniais e os traços que elas deixaram na mentalidade da França contemporânea. Louatah, cidadão francês de origem argelina, imagina como seria o dia em que a França elegeisse o seu primeiro presidente de origem *kabyle* (6). A saga política e familiar interroga a impossibilidade de a França enxergar o seu multiculturalismo, fruto de seu passado colonial. A questão da identidade francesa e europeia é central nessa obra, assim como o é em diversas obras contemporâneas. Em Portugal, podemos citar o recente romance *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2018), da portuguesa de origem angolana Djaimilia Pereira de Almeida, que questiona o lugar do assimilado na sociedade portuguesa, assim como a maneira



POR QUE RAZÃO O RACISMO
AINDA É UMA QUESTÃO EUROPEIA?

como vivem seus filhos, herdeiros de um passado colonial na capital do antigo império. Na Bélgica, a identidade, o racismo e a pluralidade de origens e línguas da sociedade é muito trabalhada na cena do *slam*.

Nesse contexto, é interessante sublinhar o interesse do projeto MEMOIRS na recolha de entrevistas a cidadãos comuns e artistas, assim como a elaboração de uma base de dados sobre a pós-memória da colonização na Europa contemporânea. O trabalho elaborado pela equipe apresenta um panorama vasto de experiências de colonialidade numa Europa pós-colonial onde o racismo é uma constante. Quando a arte resgata essas memórias silenciadas, mas latentes, ela propicia a emergência da história da escravatura e dos colonialismos dos povos subjugados e interroga o lugar daquele que o colonialismo classificou como o “Outro” que faz parte da carta demográfica europeia do século XXI.

Atualmente, está em cartaz em França uma versão revisitada de *Othello* (7), de William Shakespeare, em que o “mouro” é o único branco da peça. Essa escolha cênica traz um contraponto ao público europeu branco através da experiência de estar só entre pessoas que não se parecem a “nós”, pois a branquitude é a norma tácita da sociedade. Talvez essa provocação teatral possa explicar a quem utiliza o argumento de “racismo anti-branco” que o seu privilégio de pele não quer dizer que a vida seja mais fácil para eles, mas que a cor da sua pele não a dificulta ainda mais.

Esta complexa questão do racismo me lembrou as palavras de Scholastique Mukasonga, escritora franco-ruandesa, conhecida pelo seu premiado romance *Notre-Dame du Nil*. Numa conversa com leitores durante a FLIP (Festival Literário de Paraty, no Rio de Janeiro) em 2017, ela fala sobre o racismo e sobre como os ruandeses não querem ser sequestrados pelo seu passado: “Lutar contra o racismo é como atravessar uma floresta em chamas. E tentar não se queimar. Apesar de tudo”(8).



POR QUE RAZÃO O RACISMO
AINDA É UMA QUESTÃO EUROPEIA?

-
- (1) “Quando si parla del razzismo bisogna avere la consapevolezza che non è razzista il mondo del calcio, ma che c'è razzismo nella cultura italiana, francese, europea e più in generale nella cultura bianca. **I bianchi hanno deciso che sono superiori ai neri e che con loro possono fare di tutto. E' una cosa che va avanti da secoli purtroppo. E cambiare una cultura non è facile**”. Entrevista publicada no início de setembro no periódico italiano [Corriere dello Sport](#).
- (2) Angela Davis é uma ativista política negra norte-americana, acadêmica e autora de diversos livros, como *Woman, Race, Class* (1981).
- (3) [Lilian Thuram](#) estará em Portugal, a convite do projeto MEMOIRS, numa turnê de educação contra o racismo entre os dias 25 e 29 de novembro. Em 26 de novembro, às 18h estará no Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra e no dia 27 de novembro, às 18h30, no Auditório 2 da Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa. Eventos gratuitos e com tradução simultânea.
- (4) A palavra “racializado” permite nomear um grupo social fundado não pela cor da pele ou pertença étnica, mas pelo compartilhamento da experiência social do racismo. Racializado/a é quem é suscetível de ser incorporado numa categoria social, quer dizer, dado como pertencente a um grupo alterizado, diferente do grupo majoritário, visto como um grupo homogêneo partilhando práticas e maneiras de ser, viver e pensar.
- (5) Jacques Chirac, discours d'Orléans du 19 juin 1991, consultado no site do [INA](#), a dia 30 de setembro de 2019. Tradução livre de: “Notre problème, ce n'est pas les étrangers, c'est qu'il y a overdose. (...) Il est certain que d'avoir des Espagnols, des Polonais et des Portugais travaillant chez nous, ça pose moins de problèmes que d'avoir des musulmans et des Noirs [...]”
- (6) Kabyle, ou cabilas em português, é um povo berbere do norte de África.
- (7) *Othello*, [encenada por Arnaud Churin](#) do 3 ao 19 de outubro de 2019 no Théâtre de la Ville em Paris.
- (8) «Lutter contre le racisme est comme traverser une forêt en flammes. Et essayer de ne pas se brûler. Bien que».
-

Fernanda Vilar é investigadora do projeto MEMOIRS - Filhos de Império e Pós-memórias Europeias (ERC n. 648624) no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

MEMOIRS é financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC) no âmbito do Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação Horizonte 2020 da União Europeia (n.º 648624) e está sediado no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.

